

Vida ilimitada

Maria Luísa Vaz*

A diretora Renata Pinheiro conta que o longa Lispectorante nasceu por meio da personagem Glória, mulher de 60 anos, em crise, e que retorna ao bairro da Boa Vista, em Recife, onde nasceu. “Um dia a gente percebeu que a casa que a Clarice Lispector passou a infância era lá também, e estava completamente abandonada. Então, a gente tinha uma personagem que, como o ambiente, estava em decadência. O filme surge de uma vontade de me aproximar do passado da escritora”, explica a diretora. A escolha de Marcélia Cartaxo para a protagonista foi sugestão de Sérgio Oliveira, um dos roteiristas, uma vez que a atriz se destacou em A hora da estrela. Renata fala

do privilégio de contar com Cartaxo: “Eu me sinto agradada pela oportunidade: ela já é uma especialista, uma pioneira, no mundo da autora. Foi uma experiência vital para minha carreira, nós damos a uma mulher de 60 anos o direito de se reinventar, de viver, de se apaixonar e de sentir prazer”.

O risco da narrativa foi almejado. “Acho que é isso que o cinema precisa hoje em dia: de tramas originais, de pessoas que têm coragem de fazer algo diferente do que está sendo entregue pelos grandes estúdios. Podemos apostar no caminho do sonho e da esperança. Se o homem não imagina coisas e não consome arte, a humanidade adoece”, finaliza.

* **Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco**

EMBAUBA FILMS



Marcélia Cartaxo revisita o universo lírico de Clarice Lispector em Lispectorante

Crítica // Lispectorante ★★

Ricardo Daehn

O caminho é torto, na trajetória da protagonista (Marcélia Cartaxo, em cena, fazendo o possível), e no resultado do novo filme

de Renata Pinheiro. Louvável é o pendor pela liberdade temática e, aos trancos e barrancos, pela aceitação de limites técnicos; mas o filme engasga. Fala de solidão, de morte, de etarismo

e de disputa por heranças, implicando em desatinos e rompantes frente à quebras de aprisionamento social. Com elementos plásticos belos (singelos, mas bem adotados), se nota o

esforço da equipe artística, em especial da dupla Joana Claude e Ananias de Caldas. Sem personagens carismáticos, Pedro Wagner (no papel de um andarilho sem foco) e Grace Passô

(em breve participação) não pontuam. Nesta produção assinada por Sérgio Oliveira, a pertinente veia criativa da cineasta de Carro Rei, Açúcar e Amor, plástico e barulho aparece, entupida.



ASSISTA NA CINESYSTEM
CAIXA